

CARETA

Revista ilustrada semanal fundada por Jorge Schmidt na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 6 de junho de 1908, e extinta em novembro de 1960.

Ao ser lançada, além de ter Jorge Schmidt como proprietário-editor, *Careta* tinha J. Carlos como diretor e ilustrador. Em 1921 J. Carlos deixou a revista para se dedicar à direção das publicações da empresa O Malho, mas em 1935 retornou à *Careta*, onde trabalhou até morrer em 1950. A *Careta* também teve como colaboradores outros artistas gráficos bastante conhecidos na época, tais como Belmonte, Malagute, Raul Pederneiras e Theo.

O primeiro número da revista trazia na capa uma caricatura do presidente Afonso Pena, seguindo-se sete páginas de propaganda e o editorial de lançamento, chamado de “artigo de fundo”. Nele, a revista anunciava seu caráter editorial satírico e humorístico – presente no próprio título – e evidenciava seu desejo de atingir um público com P maiúsculo, alusão aos apreciadores do jornalismo elegante. Entretanto, segundo Nelson Werneck Sodré, tornou-se popular como nenhuma outra revista de sua época, sendo encontrada nos engraxates, barbeiros e consultórios. As últimas páginas também eram dedicadas aos reclames, sempre numerosos.

Publicada em excelente padrão gráfico, *Careta* saía semanalmente aos sábados, tinha capa colorida, tamanho médio de 30 a 40 páginas por edição, e formato médio de 30cm de comprimento por 20cm de largura. Fazia amplo uso de ilustrações e fotografias. Seu repertório era eclético e mundano, incluindo crônica, poesia, opinião, notícia, piada, concurso, crítica/sátira política e de costumes e colunismo social.

De início, *Careta* contou com a colaboração de alguns dos mais afamados literatos da época, identificados com o parnasianismo, como Olavo Bilac, Martins Fontes, Olegário Mariano, Aníbal Teófilo, Alberto de Oliveira, Emílio de Meneses, Bastos Tigre e Luís Edmundo. Posteriormente, a revista também contou com as colaborações de Lima Barreto, Viriato Correia, Umberto Peregrino e J. Frazão, entre outros.

Ao conjugar de forma ágil texto e imagem, *Careta* foi uma das mais importantes expressões da modernidade artística e intelectual do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Mas, diferentemente da *Kosmos*, por exemplo – outra revista de propriedade de Jorge Schmidt –, mantinha uma postura independente e assumiu posições políticas em meio às grandes polêmicas de sua época, como quando apoiou Rui Barbosa na Campanha Civilista, em 1910, e satirizou Getúlio Vargas e o Estado Novo (1937-1945).

De acordo com Sheila do Nascimento Garcia, durante o Estado Novo a publicação de charges na *Careta* funcionou como estratégia de oposição à propaganda oficial do governo de Getúlio Vargas. A escolha e a disposição dos elementos visuais foram fundamentais, por

exemplo, para o teor combativo impresso às charges sobre a política de Vargas, como no caso da extinção dos partidos políticos em dezembro de 1937. O tom satírico da *Careta* sobreviveu à censura do Estado Novo, reforçando o padrão crítico do periódico. Inclusive, após a década de 1930, nota-se a diminuição do tom humorístico da revista, presente desde seu lançamento.

Com a morte de Jorge Schmidt em 1935, seu filho Roberto assumiu a direção da revista, fazendo todo o trabalho de edição praticamente sozinho e mantendo o perfil de crítica política. Contudo, a partir da década de 1940 a revista ilustrada *O Cruzeiro*, lançada em 1928, estabeleceu um novo padrão técnico e estético para o gênero das revistas ilustradas. Segundo Ana Maria Mauad, *O Cruzeiro* passou a ser publicado em formato grande e com uma definição gráfica mais aprimorada e, ao introduzir a retrogravura, possibilitou uma associação mais precisa entre texto e imagem, configurando o que ficou conhecido como fotojornalismo. A publicação de reportagens internacionais também integrou esse novo padrão editorial de *O Cruzeiro*, patrocinado pelos Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand. Essas novas tendências provocaram uma demanda por reformulações nos periódicos ilustrados já existentes.

Paralelamente ao surgimento desse novo padrão editorial, nos anos de 1940 estava em curso no Rio de Janeiro um movimento de concentração da imprensa. De acordo com Nelson Werneck Sodré, essa concentração era tão marcante que periódicos que haviam marcado época desde o início do século XX, como *Careta*, *Fon Fon*, *O Malho* e a *Revista da Semana* entraram em declínio e foram, aos poucos, desaparecendo.

A partir da leitura dos últimos números da *Careta*, publicados no fim da década de 1960, percebe-se a opção dos editores de manter praticamente inalterado o projeto gráfico inicial da revista, e o distanciamento dos novos padrões editoriais ditados pelo fotojornalismo, ainda que o perfil de crítica política e de costumes tenha permanecido. Após a morte de Roberto Schmidt em setembro de 1960, M. Carolina Schmidt assumiu interinamente a direção do periódico até sua extinção a partir de novembro de 1960, totalizando 52 anos ininterruptos de publicação.

Carolina Vianna Dantas

FONTES: *Careta* (1908, 1960); GARCIA, S. *Caras*; MACHADO JÚNIOR, C. *Fotografias*; MAUAD, A. *Olho*; SODRÉ, N. *História*.